

Parentes

---

Pablo **Besarón**

PARENTES  
PABLO BESARÓN

1

A morte de um parente causa essas coisas... O elo perdido (o morto) faz que a corrente se desfaça. Acredita-se que a ausência pode ser completa, mas nem sempre é assim; embora nesta história talvez eu possa recuperar o elo perdido, quem sabe.

Depois do conflito por conta da morte do tio, durante trinta anos Fábio não voltou a ver o primo Hugo. Do período anterior à ruptura definitiva, recordava-se apenas de duas ocasiões em que viu essa parte da família. Uma quando foi com seus pais a um evento que não lembrava bem se era um casamento ou um desses aniversários que celebram uma mudança de década. Outra vez, por alguns minutos, o primo os visitou na casa de Lanús, *Toto* (pai de Fábio) o recebeu na porta, duas ou três palavras e *good bye* primo.

Papai *Toto* havia expulsado a tia e o restante de sua prole quando o tio morreu. Não queria vê-los mais. Fábio nunca soube o que tinha acontecido, com o papai não se conversava sobre isso e mamãe, para disfarçar, disse algo sobre *uma sucessão*, mas Fábio lembrava-se da palavra extorsão dita por *Toto* a alguém.

O tempo passou, e nada mais. Duas semanas atrás, o filho do primo telefonou Fábio Roth? Sim, quem fala? Tetro Roth, filho do Hugo. Fábio não sabia se deveria ser cordial ou distante. Ah, como vai? Ele contou a sua vida como em um telegrama: Eu me casei. Tenho um filho de dois anos. Trabalho na Red

Link consertando caixas eletrônicos. Fábio admirou o seu poder de síntese e tentou imitá-lo, mas tinha menos a dizer: Eu me casei. Tenho uma loja de ferragens. Sem filhos. Quando o assunto ia se esgotando, Tetro sugeriu que o seu pai queria dizer-lhe alguma coisa. Bem, passe-me para ele. Cumprimentaram-se com uma saudade fingida e passaram em revista as suas vidas. O primo lembrou do dia em que Fábio nasceu, estávamos esperando na casa da avó, assistíamos ao jornal da meia-noite. Quase à uma da manhã o seu velho ligou. Lembro-me como se fosse hoje... Passou-se muito tempo, seria bom nos vermos. Fábio, embora pudesse estar traindo o papai, respondeu sim, por que não? Eu gostaria de falar com você, arrematou o primo em um tom como se nessa frase residisse o básico da conversa. Era curioso, parecia que ele realmente queria lhe dizer alguma coisa. Bem, venham nesta quinta à noite para o jantar. Você se casou? Ele não respondeu à pergunta, mas se antecipou à dúvida, vou com os meus três filhos. Tinha três filhos de dois casamentos diferentes. Tetro era do primeiro casamento. Andrés e Loli, do segundo.

## 2

No dia do jantar, no lento por do sol, Iardena e Fábio saíram para uma caminhada, e na volta, meia hora antes da hora programada, os convidados já estavam na casa.

Na sala, um casal estava no sofá e no chão um bebê já grandinho brincava com o chocalho. Ouvia-se o som da TV no quarto. Hugo, de jaleco verde, aproximou-se para dizer olá. Ele era alto, avantajado, centauro Quíron com um só olho na testa, o jaleco disfarçava. Fábio se surpreendeu com a semelhança que tinha com o seu primo. Quase se poderia dizer que eram gêmeos deformados por um espelho côncavo. Iardena foi até a cozinha para pedir satisfações à empregada. É o primo do senhor Fábio, tocaram a campainha diretamente no apartamento, abri, e antes de dizer que a família não estava, entraram, entraram todos.

Saindo da cozinha Iardena cumprimentou Hugo um pouco melhor, o casal da sala de estar (Tetro e sua esposa) e o *bebê*.

Tetro cumprimentou Fábio como se fosse um reencontro depois da guerra. Trouxemos sorvete de sobremesa, disse Hugo com o jaleco verde acompanhando seus gestos, coloquei no freezer, três quilos. Não tinha muito espaço, tive que tirar do freezer coisas que podem ficar na geladeira.

Tudo aquilo, que para Iardena era *uma invasão da ralé*, para Fábio era uma reconexão consigo mesmo, apesar da atitude enfática de Toto de querer excluir essa parte de si mesmos.

Iardena acenou para que Fábio fosse ver o que estava acontecendo no quarto. Na cama, uma moça de uns vinte e quatro anos, com óculos para miopia e cabelos longos, entre o louro e o avermelhado. Ela tomava Coca-Cola numa caneca, ao lado de sua bebê, que pulava, dava voltas, bebia uns goles e deixava outros caírem na colcha.

Tem cara de lituana pensou Fábio, apesar de nunca ter visto um lituano na vida, devem ser *bem assim...*

Era Loli, filha do segundo casamento de Hugo. Fábio ficou comovido com a brincadeira da mãe e sua bebê, mas sentiu nas costas o olhar de Iardena, que ansiava pela restauração da ordem perdida. Fábio se apresentou e convidou mãe e filha para a sala de estar.

No jantar havia nove comensais. A empregada ia e voltava da cozinha, abastecendo e desabastecendo a mesa. Fábio, sentado à cabeceira. Ao seu lado, o primo Hugo. Do lado direito de Fábio, Loli, às vezes com sua bebê no colo, e às vezes com um prato de comida que colocava sobre os joelhos, enquanto abaixava a cabeça para provar alguns bocados. Os demais, espalhados em ambos os lados, e Iardena, na outra ponta da mesa, de frente para Fábio.

A conversa foi a respeito da sopa de cebola da avó, os passeios de bicicleta em Lomas de Zamora, o coelho da prima que fora abatido pelo avô e depois comido.

Ao lado de Loli estava seu irmão de sangue, Andrés. Era um rapaz obeso de uns vinte anos com uma camisa que se avultava pela gola do pulôver. Ele parecia ter algum problema neurológico. Mostrou o seu telefone celular. Aparelho lindo, disse Fábio. É o segundo que compro em um mês. O primeiro me roubaram e tive que catar papelão uma semana para comprar este. Quatro horas durante uma semana, duzentos pesos. Nada mal, pensou Fábio, você anda pela cidade, toma ar, vasculha o lixo das pessoas e assim obtém uma moeda de troca para comprar um telefone com câmera e mp3, não é nada mal.

Loli trabalhava com costura, bordado, remendos. Um suéter descosturado, uma jaqueta que precisava de um remendo, umas calças que precisavam de ajuste. Nada era descartado. Estavam planejando construir dois quartos e um banheiro no terreno da casa de Hugo. Levantariam a laje em breve, as últimas semanas de Hugo foram complicadas para dar continuidade ao trabalho.

Fábio esperou o primo dizer alguma coisa sobre o que tinha sido antecipado por telefone, mas nada. Então ele se lembrou de quando *Toto* os levou ao cinema na capital e na hora de voltar esqueceu onde tinha estacionado o carro. Hugo disse uma frase estranha que servia para qualquer circunstância:

– E... papai é papai, com as suas manias. – É preciso entendê-lo.

Iardena manteve-se à distância, rejeição e discriminação.

O primo contou que casou três vezes. Neste terceiro casamento, sem filhos. Ele era motorista de ambulância de emergências médicas. Ganhava mais dinheiro assim, fazendo plantão. E não, não era tão cansativo, você se acostuma.

Tetro, ao fundo, comia, brincava com o *bebê* e trocava fraldas. Apenas em um momento percebeu-se nele um sorriso evasivo, quando Hugo fez uma piada e Tetro repetiu esta frase estranha de antes:

– E... papai é papai, com as suas manias. – É preciso entendê-lo.

O sorvete e a permanência à mesa se impuseram. Andrés (o catador) manchou a toalha com sorvete. A colher usada por Loli para dar sorvete à sua *bebê* também manchou a toalha.

Havia champanhe para o brinde, mas essa bebida amarga e cheia de bolhas era parte de um outro evento social. Melhor sidra.

Quando chegou o momento da partida, Fábio sentiu que não deveriam ir (a história estava truncada), mas, no entanto, foram embora.

Iardena não estava acostumada a tudo isso (e preferia pensar assim: um *isso*, uma entidade que é preferível não definir, apagá-la da consciência). Limpou a mesa com a obsessão de quem purifica um santuário profanado. Fez uma trouxa com a toalha e a jogou no lixo. Não aconteceu nada aqui.

Olhou para Fábio e disse não quero vê-los nunca mais. Meia volta e cama.

### 3

Para Fábio, os dias seguintes foram como de costume. Os clientes da loja de ferragens indo e vindo. Um adaptador para esta tomada. Lâmpadas de dois pinos. Uma extensão. Preciso que me arranje um cabo telefônico de dois metros. Tudo continuava. Casa, trabalho, casamento com o noticiário das oito, jantar às oito e meia, o filho desejado que não vinha.

Certo dia, pela tarde, telefonou para Hugo. A desculpa foi a de lhe recomendar um médico especializado em crianças com dificuldades de aprendizagem, como as de seu filho. Era verdade, havia um cliente, um neurologista que tratava de crianças assim. Combinaram de almoçar na esquina da loja de ferragens no dia seguinte.

Quando Fábio, no dia seguinte, chegou ao bar do encontro, quem estava era o catador e a costureira com a *bebê*. O primo não.

– Hugo não vem? – perguntou Fábio.

– Não pôde, teve um contratempo – disse Loli.

– Ah, por conta do trabalho? – quis saber Fábio.

– Teve um contratempo – respondeu Loli. Trouxemos fotos... São para você. Você aparece em alguma.

O passado são fotos, pensou Fábio. Por que não?

O álbum era chamativo: do tamanho de uma folha ofício dobrada em duas, com capa de plástico verde decorada com um mapa-múndi da época dos cartógrafos portugueses. As primeiras fotos em preto e branco, outras tiradas com câmeras instantâneas coloridas que tinham perdido os tons de cor, e as mais recentes, com cores desbotadas.

Os pais de Fábio o colocavam num carrinho cheio de sucata. O avô degolava uma galinha, e, em seguida, como se fosse a próxima cena do filme, todos tomavam sopa. Em uma foto com toda a família, ao fundo via-se *Toto* com a mãe de Hugo, felizes, olhando para sua prole. Em outra foto estavam todos os primos em um descampado jogando bola. Ao fundo via-se um grande lixão.

Fábio sentiu-se estranho e feliz. Estranho porque um passado incógnito e irrefutável se impunha. Feliz porque havia uma história, um legado, uma continuidade.

– Você continua catando papelão? – Perguntou Fábio a Andrés.

– É o meu trabalho.

– Você encontra coisas interessantes?

– Uma vez encontrei um colar de prata com pedras azuis que eu dei à mamãe.

Outra vez um monitor de computador que levei para casa. Outra, um vidro de doce de leite *Chimbote* cheio, sem abrir.

Perguntou a Loli se ela havia concluído o ensino médio. Ela disse que não. Por quê? Porque não.

Fábio, ao lembrar que no jantar se falou a respeito da casa que estava sendo construída para Loli, mencionou a importância das janelas e os problemas com as escadas mal feitas.

Eles comeram rapidamente. Tinham que voltar não muito tarde.

– O pai falou que você vai nos levar – disse Loli.

– Não posso... na próxima. Tenho que abrir a loja.

– Bem, então nos dê dinheiro para voltar.

Ele deu. No fim das contas, se não podia levá-los, não era totalmente ilógico dar-lhes dinheiro para voltar.

Naquele dia, Fábio fechou a loja duas horas mais cedo que de costume. Precisava caminhar e ver a movimentação da rua. Observou que havia muitos catadores na cidade. Era uma cidade suja, mas havia poesia em se observar os sacos cinzentos espalhados, vidros quebrados, chicletes no chão, cavalos de carrocinhas. Lembrou que havia um trem que chamavam de *o trem dos catadores*. Era o último trem do crepúsculo, os catadores voltavam para seus barracos nos limites da cidade com o campo.

Em uma rua pouco frequentada, viu uma loja que vendia botões e novels de lã. Em outra rua, o som de uma ambulância cortava a calmaria da tarde. A cidade é uma mistura de ambulâncias de emergência, pulôveres remendados, meias costuradas e restolhos para se catar, pensou.

Chegou em casa. Iardena feliz. Fez um jantar especial, nova toalha de mesa, velas. Fábio não estava com fome e só queria dormir, mas a euforia de sua esposa era mais forte.

Olhe! – disse Iardena, apontando para uma linha fina azul em uma espécie de termômetro de plástico e papel. Ela queria ter um filho. Havia chegado a hora.

Embora a notícia do filho por vir não fosse esperada, Fábio fez uma cara feliz. Ele não queria que Iardena desconfiasse que tinha visto os filhos do primo.

Ele a parabenizou, tomaram vinho e comeram. Na cama, conversaram sobre o filho, se seria menino ou menina, se Ivan, José, Bruno, Kiara ou Zoe, e dormiram.

No dia seguinte, a caminho do trabalho, Fábio aguçou os ouvidos para detectar ambulâncias. Quis ver catadores, mas ainda era cedo. A cidade estava limpa, ou aparentava estar. Era a hora dos baldes de água, os caminhões que abasteciam os bares, os homens risonhos de terno e apressados.

Levantou as grades da loja. Telefonou para a casa do primo, a esposa atendeu. Ela não queria chamá-lo. Fábio insistiu e ela o chamou. Os meninos tinham chegado em segurança. Ele soava distante, doente. O que há de errado? – perguntou Fábio. Hugo não disse nada. Ele não quer falar, pensou Fábio, alguma coisa está acontecendo. Eu vou até lá.

Fábio caminhou até a Praça Onze, tomou o trem para Moreno. Na Estação Moreno devia tomar um ônibus, e em seguida um táxi para mais vinte e tantas quadras.

A madeira dos assentos do trem não lhe pareceu dura. Era como devia ser. Um vendedor oferecia biscoitos doces com uma cobertura de laranja. Ele não tinha tomado o café da manhã e um longo trajeto o esperava. Uma mulher com seis crianças comia desses biscoitos. Fábio pensou que seria uma boa ideia fazer o mesmo. Sua carteira estava quase vazia. Em um bolso das calças havia algumas moedas que davam para um pacote.

Na Estação Moreno, quase ninguém desceu do trem. Ele caminhou meio quarteirão e entrou em um ônibus que estava praticamente vazio. Desceu umas poucas quadras e pegou um táxi.

Na casa estavam todos, menos Hugo. Era como ele tinha imaginado. Venezianas em um dos lados, a porta de entrada que dava para uma sala de estar, uma televisão ligada, uma mesa para seis pessoas do lado direito, cheiro de corino, no mesmo ambiente uma cozinha um pouco mais pra lá, ao fundo da cozinha uma porta que dava para o quintal onde havia cães. À esquerda, um corredor com um banheiro e dois quartos.

Não foi preciso perguntar o que tinha acontecido. A esposa de Hugo disse:  
– Já o levaram.

Todos ficaram calados, talvez esperando que Fábio dissesse alguma coisa. Ela continuou:

– A cama está arrumada... Você deve estar cansado... Deite-se e conversamos depois da sesta.

Era verdade que ele estava cansado. Ele dormiria um pouco, se levantaria para tomar chimarrão, comer alguns bolinhos e depois viria uma longa jornada até as onze da noite. Quatro mãos podem mais que duas, pensou Fábio, vamos aproveitar o tempo com Andrés... e amanhã, vamos vender os papelões. Era preciso continuar com a construção da casa de Loli. No fim de semana, com Tetro e Andrés levantariam a laje.

TRADUÇÃO  
Rosa Maria Severino Ueno